



Telma Guimarães Castro Andrade

Redações perigosas II, a fome



Ilustrações: Marilia Pirillo

12ª edição reformulada

Conforme a nova ortografia

Série Entre Linhas

Edição reformulada

Gerente • Rogério Carlos Gastaldo de Oliveira

Editora-assistente • Solange Mingorance

Auxiliares de serviços editoriais • Flávia Zambon e Amanda Lassak

Coordenação e produção editorial • Todotipo Editorial

Assistente editorial • Isadora Prospero

Preparação de texto • Ana Carolina Rodrigues Pancera

Revisão • Bárbara Prince e Isadora Prospero

Projeto gráfico (miolo e capa) • Homem de Melo & Troia Design

Suplemento de leitura e projeto de trabalho interdisciplinar • Silvia Oberg

Diagramação • Alicia Sei

Produtor gráfico • Rogério Strelciuc

Impressão e acabamento •

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Telma Guimarães Castro

Redações perigosas II, a fome / Telma Guimarães Castro
Andrade ; [ilustrações Marília Pirillo]. – São Paulo : Atual,
2012. – (Entre Linhas : Mistério)

ISBN 978-85-357-1407-4

1. Ficção – Literatura juvenil I. Pirillo, Marília. II. Título.
III. Série.

12-11227

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5
3ª tiragem, 2017

Copyright © Telma Guimarães Castro Andrade, 2012.

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7.221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP

www.editorasaraiva.com.br

Tel.: (0xx11) 4003-3061

atendimento@aticascipione.com.br

CL: 810601

CAE: 576143

Sumário

Prefácio 9

Na tevê 11

Entra, moça! 15

Novidade à vista 21

Flores 24

Escola nova, vida nova 27

Leitora crítica 33

Dados, estatísticas e afins 38

Fome de todo tipo 44

Ficção ou realidade? 75

CPI em casa 78

Professora-detetive 82

Namoro com o inimigo 90

No *flat* 93

Desenrolando a confusão 100

A Autora 107

Entrevista 109

*Para meus pais, Fábio Villaça Guimarães
e Diva Pavarini Guimarães, que
me ensinaram desde criança a repartir o pão.*

“Ensina à criança o caminho
em que deve andar,
e ainda quando for velho
não se desviará dele.”

Provérbios 22,6

Prefácio

Pra dizer o não dito

Quando meu filho mais velho, Cleso, começou a fazer um trabalho sobre a fome, eu já estava escrevendo a 1ª edição deste livro. No entanto, não tinha ainda o “gancho” para o concurso que entraria no decorrer da história.

Comecei a ler, então, tudo o que encontrava sobre o tema “fome”. Não era para auxiliá-lo em seu trabalho, mas por pura curiosidade mesmo. A palavra “fome” havia mexido comigo, saltava em vermelho bem à minha frente.

Fiquei assustada. A cada texto, a cada livro que eu lia, sentia um gosto amargo na boca.

O então editor da Atual havia sugerido a continuação do Redações perigosas, hoje na coleção Entre Linhas. Sugeri que a fome fosse a temática do novo livro. Sugestão aceita, fiquei superanimada.

Juntei muitos dados, gráficos... fui redescobrimdo coisas sobre o meu país. Durante muitos anos, a fome foi um assunto pouco discutido no Brasil. Lógico que sempre existiu fome neste país, só que quase não se falava sobre ela.

Com minhas pesquisas, acabei sabendo mais sobre reforma agrária, dívida externa, multinacionais, transnacionais, subnutrição, crianças e adolescentes de rua, renda per capita, entre tantas outras coisas. Coloquei em dia o que para mim andava meio esquecido em alguma gavetinha da memória. Conversamos sobre o tema “fome” aqui em casa. Eu, meu marido, meus filhos e seus amigos. Quis saber o que cada um pensava, sabia, tinha lido.

Felizmente, desde a primeira década do século XXI, o governo brasileiro vem dando um pouco mais de atenção às milhares de famílias que passam pela penúria da fome. Mas ainda há muitos desafios a serem vencidos. O assunto ainda incomoda.

Acho que continuar o Redações perigosas com um tema tão perturbador quanto a fome é uma forma de não silenciar e talvez (tomara!) fazer com que os leitores reflitam, discutam e não se caleem.

Na tevê



Fiquei com vontade de pegar toda aquela papelada do armário – provas, exercícios extras, trabalhos individuais e em grupo –, juntar com a minha papelada mais que inútil e levar ao alto de um desses prédios da avenida Paulista, onde ficam os bancos, os investidores da bolsa de valores e as financeiras, picar tudo e jogar pelas janelas no dia 31 de dezembro. Seria o máximo!

Puxa! Plena festa de despedida de ano, tomando aquele guaraná quente e comendo um bolo de fubá numa confraternização de professores, e eu ali pensando bobagem. Depois da festa iria pra casa, descansaria e pronto. Talvez nem esperasse o Natal pra ir à casa dos meus pais. Ainda resolveria esse assunto.

Depois de muito abraço e “até o ano que vem, se Deus quiser” (e se tiver vaga), fui pra casa.

Tudo de novo. Cozinhar, limpar, lavar, arrumar. A vida haveria de ser diferente em algumas ocasiões... Talvez preparar a comida, tirar a sujeira acumulada, deixar a roupa com aspecto limpo, organizar os lençóis...

Holerite havia sumido de novo... Esse gato dividido era real-

mente um problema. Tive vontade, por várias e consecutivas vezes, de dizer: “O Carlos ou eu!”, mas desisti, porque, do fundo do meu coração, queria os dois gatos só pra mim.

Campainha. Era sempre assim. Ela sempre tocava quando eu estava em trajés, digamos, de quem vai “tirar muita sujeira acumulada”.

– Oi!

Não! O Carlos aqui, em plena sexta-feira à tarde! Mas ele tinha aula na faculdade!

– Não tive aula na faculdade, Rose... Tivemos uma comemoração de fim de ano... E você? Como foi a sua? – ele perguntou, logo se estatelando no meu sofá de dois lugares e meio.

– O de sempre. Refrigerante quente, um bolinho, um papo e só. Desânimo de fim de ano, sabe como é que é... A gratificação de Natal que o governador prometeu voltou a atrasar e o restante do décimo terceiro só vai chegar na véspera do Natal.

– Bem, eu tive mais sorte. – Ele piscou. – A faculdade deu um aumento... Parece que vou até dar mais aulas no ano que vem!... E, além do mais, estou fazendo um...

Detestava interrupções.

Ouvi um miado. Eu sabia que Holerite devia estar com o Carlos. Era ele quem ocupava agora o meio lugar do meu sofá.

Carlos deu risada.

– Vem cá, Rose... – E me puxou para o segundo lugar.

Holerite havia, de uns tempos pra cá, apresentado umas esparsas (mas sérias) crises de ciúme. Assim que me acomodei no peito do Carlos, o gato esticou o rabo, eriçou o pelo e me arranhou.

– Sai daqui, Holerite! Falta de educação. Olha o que você fez comigo! – Apontei o braço.

Holerite pareceu entender e pulou do sofá de dois lugares e meio pra poltrona.

– Rose, tem um recado da Tevê Povo na minha secretária eletrônica. Eles deixaram o telefone e pediram pra você entrar em contato. O que será que eles querem? Você ficou importante, não? Puxa, levei o maior susto! O que será que a tevê queria?

Por via das dúvidas, resolvi colocar uma roupa mais decente e

ir até o apartamento do Carlos pra conferir... Por “decente”, você pode entender “um moletom até a canela”.

Telefonei pra lá enquanto o Carlos ficava andando em volta de mim.

– É a professora Rosemeire, aquela das *Redações perigosas*?

Nossa, levei o maior susto. Eles já tinham até dado um título para o meu “caso”.

– Sim, é ela. Como vocês descobriram esse telefone?

– Ah, isso é segredinho de jornalista... – disse a pessoa de nome Maria Helena, que se apresentou como produtora do canal.

– Pois não – continuei.

– Gostaríamos de convidá-la para participar de um programa.

– Que tipo de programa? – engasguei, enquanto aceitava (e como!) o copo de suco de laranja que o Carlos trazia.

– Um programa de entrevistas. É o *Léo, Onze em Ponto*.

Ah, não! Nem por um decreto do governador, que já me pagava um salário de fome, eu deixaria de passar o Natal em casa.

– É que eu estou de partida pra Portimerama do Oeste...

– Não seria para agora, professora Rosemeire. O programa entra em férias a partir de sexta-feira e aí só retomamos as gravações a partir do dia 26 de janeiro. A pedido do Léo, a senhora seria a primeira entrevistada do ano que vem.

– Nesse caso, acho que tudo bem – aceitei, engolindo o suco.

– A senhora poderia me passar seu telefone de... Como se chama mesmo sua cidade?

Horrorizada com a falta de conhecimentos geográficos da produtora, ditei, um pouco a contragosto, o endereço, o DDD e o telefone da casa dos meus pais, que fica no oeste do Estado de São Paulo.

Assim que desliguei, contei ao Carlos que o pessoal do *Léo, Onze em Ponto* estava atrás de mim pra uma entrevista. Ele brincou, dizendo que eu estava famosa e que podia aproveitar o “gancho das redações” e descer a lenha no sistema educacional. Ri, e disse que ia contar ao Léo como é que eu sobrevivia com esse salário malcriado.

O Carlos achou que essa era a minha “grande chance”. Não encarei bem assim, não. Chance pra quê? Do que iria falar? Bom, se